

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**MARTA ELAINE VERCELHESI MENDES**

**A PROSTITUIÇÃO DE MULHERES EM SÃO BORJA/RS: um estudo sobre suas  
causas e consequências**

**São Borja**

**2023**

**MARTA ELAINE VERCELHESI MENDES**

**A PROSTITUIÇÃO DE MULHERES EM SÃO BORJA/RS: um estudo sobre suas causas e consequências**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Pampa, como requisito para obtenção do Título de Licenciado em Ciências Humanas.

Orientador: Gerson de Lima Oliveira

**São Borja**

**2023**

**MARTA ELAINE VERCELHESI MENDES**

**A PROSTITUIÇÃO DE MULHERES EM SÃO BORJA/RS: um estudo sobre suas causas e consequências**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Pampa, como requisito para obtenção do Título de Licenciado em Ciências Humanas.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 12 de dezembro de 2023.

Banca examinadora:

---

Prof. Doutor. Gerson de Lima Oliveira  
Orientador  
Unipampa

---

Prof. Doutora. Nola Patrícia Gamalho  
Unipampa

---

Prof. Doutora. Jaqueline Carvalho Quadrado  
Unipampa



Assinado eletronicamente por **GERSON DE LIMA OLIVEIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/12/2023, às 09:13, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **NOLA PATRICIA GAMALHO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/12/2023, às 13:42, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **JAQUELINE CARVALHO QUADRADO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 28/12/2023, às 14:51, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1322805** e o código CRC **83F9A05C**.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a todas as “Genis” que contribuíram para que esse trabalho fosse realizado! A todos os colegas de curso que já se formaram e outros que ainda não colaram grau, todos os profissionais da Unipampa, professores, TAs (Técnicos Administrativos), Serviços Gerais e principalmente as pessoas que mais contribuíram para que eu desistisse de tudo que sempre busquei conquistar, “obrigada seus abençoados”! Eles nem sabem o que eu me tornei! Axé! Amém! Aleluia! Glória Deus! Shalom!

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compreender quais as causas que levam as mulheres a se prostituírem na cidade de São Borja. Foram entrevistadas nove mulheres entre duas casas de prostituição. Não há uma faixa etária específica, pois no ramo da prostituição em São Borja, há uma irregularidade de idade, logo no tratamento dos dados foram observadas, mulheres entre 21 e 68 anos. Nossa pesquisa se apresenta de forma qualitativa e descritiva embasadas teoricamente nos autores Godoy (1995) e Gil (2008). Também utilizamos o método dedutivo de Gil (2008), as técnicas *rapport* de Bauer e Gaskell (2002) e a mediação de referência de Orozco (1997). Para obtermos um resultado específico, aplicamos um questionário contendo 17 perguntas fechadas e abertas. Ao analisarmos os dados da pesquisa constatamos que, a maioria das mulheres entrevistadas, se prostituem porque não tiveram outras oportunidades de trabalho e apenas uma delas declarou ser por espontaneidade.

Palavras-Chave: História, Mulheres, Gênero, Prostituição.

## RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo comprender las causas que llevan a las mujeres a prostituirse en la ciudad de São Borja. Nueve mujeres fueron entrevistadas entre dos casas de prostitución. No hay un grupo de edad específico, porque en el negocio de la prostitución en São Borja hay una irregularidad de edad, por lo que en tratamiento de los datos se observaron mujeres entre 21 y 68 años. Nuestra investigación se presenta de manera cualitativa y descriptiva, basada teóricamente en los autores Godoy (1995) y Gil (2008). También se utilizó el método deductivo de Gil (2008), las técnicas de rapport de Bauer y Gaskell (2002) y la mediación de referencia de Orozco (1997). Para obtener un resultado específico, se aplicó un cuestionario que contenía 17 preguntas cerradas y abiertas. Cuando analizamos los datos de la encuesta, encontramos que la mayoría de las mujeres entrevistadas se prostituían porque no tenían otras oportunidades laborales y solo una de ellas declaró ser por espontaneidad.

**Palabras - Clave:** Historia, Mujeres, Género, Prostitución.

## SUMÁRIO

1INTRODUÇÃO .....	9
2MULHERES NA HISTÓRIA BRASILEIRA .....	12
3VIOLÊNCIA DE GÊNERO .....	27
3.1DA SUBMISSÃO A LIBERTAÇÃO .....	32
4MULHERES E A PROSTITUIÇÃO .....	38
5CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	47
REFERÊNCIAS.....	48
ANEXOS.....	51

## 1 INTRODUÇÃO

Nosso trabalho tem por objetivo compreender as causas que levam as mulheres a se prostituírem na cidade de São Borja. Para que isso fosse possível, formulamos um problema de pesquisa: Qual o motivo que leva as mulheres a se prostituírem em São Borja? Para obtermos respostas, construímos e aplicamos um questionário semiestruturado contendo perguntas abertas e fechadas. O nosso questionário foi embasado teoricamente em Mendes (2016), utilizando a mediação de referência de Orozco (1997). Estas mediações têm a finalidade de conhecer as características das pessoas a serem entrevistadas.

Las mediaciones de referencia incluyen todas aquellas características que sitúan en un contexto o ambiente determinado: por ejemplo la edad, el género, la etnia, la raza o la clase social. Estas mediaciones van connotando, hacen estar en la realidad y desde esa forma de estar se interactúa en el caso de la recepción com los medios de comunicación (OROZCO GÓMEZ, 1997, p. 118 *apud in* MENDES, Marta Elaine Vercelhesi, 2016, p.36).

A nossa proposta era realizarmos as entrevistas em cinco casas de prostituição. Então, fizemos nosso trabalho em duas casas e entrevistamos nove mulheres. Não especificamos a faixa etária das entrevistadas, pois no ramo da prostituição há uma irregularidade de idade, logo no tratamento dos dados, constam mulheres entre 21 a 68 anos de idade. As entrevistas não foram gravadas, os formulários foram preenchidos à punho, devido a isso deixamos a grafia das falas transcritas de acordo com a pronuncia das mulheres entrevistadas. Para que nossas entrevistadas, se sentissem, confortáveis e seguras, preparamos com antecedência a forma de abordagem utilizando a técnica de Bauer e Gaskell (2002), denominada *rapport*.

Para contrabalançar estas tendências compreensíveis e encorajar o entrevistado a falar longamente, a se expandir em aspectos de sua vida e ser sincero, o entrevistador deve deixar o entrevistado à vontade e estabelecer uma relação de confiança e segurança, o que se costuma chamar de *rapport* (BAUER, Martin W., GASKELL, George, 2002, p.74).

Nesse sentido, o nosso trabalho possui relevância no âmbito acadêmico, por se apresentar sob dois aspectos: Científico que servirá para subsidiar outros trabalhos acadêmicos imbricados na produção do conhecimento, social porque, de acordo com Saffioti (2004), sempre que realizarmos uma pesquisa, pela qual adentramos na

subjetividade humana de cada ator, vem à tona o desemprego e a violência.

Sempre que se faz uma pesquisa com a finalidade de se verificar quais são as maiores preocupações dos brasileiros, aparecem, infalivelmente, o desemprego e a violência. Já não se trata de preocupações tão somente dos habitantes dos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro, isolados até há alguns anos, mas praticamente todas as capitais de estados e do Distrito federal. Pior que isto, estes dois flagelos tomaram conta das cidades de porte médio e até de pequenos municípios (SAFFIOTI, Heleieth I. B., 2004, p.11).

Considerando a problemática que exclui e deixa os sujeitos à margem da sociedade, o nosso trabalho busca identificar o contexto das mulheres que vivem em vulnerabilidade social e econômica na cidade de São Borja através da pesquisa de campo. Também classificamos nossa pesquisa como qualitativa, que propõe a exploração de novos enfoques na produção de outros trabalhos.

Considerando, no entanto, que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. Nesse sentido, acreditamos que a pesquisa documental representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de alguns temas (GODOY, Arilda Schmidt, 1995, p.2).

Conforme Gil (2008), a pesquisa descritiva tem por objetivo realizar estudos sobre as características de um grupo em específico, bem como suas opiniões, escolaridade, fonte de renda, etc. Partindo dessa definição é que realizamos uma pesquisa, com foco nas prostitutas de São Borja. Também utilizamos o método dedutivo, que de acordo com Gil (2008), é um modo decorrente de princípios evidentes e irrecusáveis, ou seja, parte de um plano geral para um específico.

O método dedutivo, de acordo com a acepção clássica, é o método que parte do geral e, a seguir, desce ao particular. Parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica. E o método proposto pelos racionalistas (Descartes, Spinoza, Leibniz), segundo os quais só a razão é capaz de levar ao conhecimento verdadeiro, que decorre de princípios a priori evidentes e irrecusáveis (GIL, Antonio Carlos, 2008, p.28).

Para detalharmos as etapas de nossa pesquisa, dividimos nosso trabalho em três capítulos. O primeiro irá relatar parte da história das mulheres no Brasil, narrando

como elas eram tratadas na sociedade brasileira desde as indígenas, senhoras casadas e prostitutas. O segundo capítulo irá tratar da violência de gênero bem como as desigualdades de direitos entre homens e mulheres até o instante em que as mulheres começam a ocupar seus espaços em sociedade e mesmo assim continuam a lutarem por direitos iguais. O terceiro capítulo são os resultados do tratamento de dados da pesquisa de campo sobre a prostituição de mulheres em São Borja. Logo vêm as considerações finais, referências bibliográficas e anexos.

## 2 MULHERES NA HISTÓRIA BRASILEIRA

Conforme Lima (2011)<sup>1</sup>, em uma sociedade patriarcal, a preservação da moral e bons costumes estão imbricadas na conduta da honra que está representada na mulher através da virgindade e fidelidade.

Entre valores impostos para homens e mulheres está a honra, que assume a conotação diferente para cada sexo. Para o homem, a honra representa a preservação da sua autoridade e o status de provedor. Seu trabalho é também sua honra. Para a mulher, sua honra será representada pela virgindade e fidelidade (LIMA, Tatiane Michele Melo de, 2011, p.39).

No decorrer da história sobre mulheres, sabemos que as lutas são constantes pelos direitos paralelos aos homens. Lima (2011), fala sobre o exercício de direitos das prostitutas que são por muitas vezes estigmatizadas e violentadas.

A luta das mulheres prostitutas está intimamente relacionada ao direito ao exercício de suas ocupações e às condições para exercê-las. Diante da negação de direitos, amplia-se a violência de gênero, de classe social, de raça/etnia e geracional que as mantêm estigmatizadas (LIMA, Tatiane Michele Melo de, 2011, p.26).

Conforme Raminelli (2012), desde o nascimento das indígenas Tupinambás, as mulheres já passavam por rituais, sempre sob os cuidados da mãe, mas também com a participação dos pais, os bebês eram banhados no rio e tinham seus narizes achatados e eram pintados para uma cerimônia significando um bom presságio para a tribo.

Já as meninas, estas recebiam os primeiros cuidados da mãe mesmo. Os pequenos eram, ainda, banhados no rio; Momento em que o pai ou o compadre achatava-lhes o nariz com o polegar. Depois de secos, os bebês eram untados de óleo e pintados com urucum e jenipapo. Estavam, então, prontos para o itamongavu: cerimônia de bom presságio cuja intenção era abrir os caminhos para o futuro guerreiro ou favorecer o desenvolvimento de uma mulher forte e sadia (RAMINELLI, Ronald, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.12-13).

De acordo com Raminelli (2012), para testar a resistência das Jovens indígenas ao passarem para a vida adulta, seus corpos eram praticamente flagelados, sofriam

---

<sup>1</sup> Disponível em:< [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9780/1/arquivo6541\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9780/1/arquivo6541_1.pdf)> Acesso em: 29/12/2022.

incisões e cortes a partir da primeira menstruação. Raminelli (2012) denota, o quanto as mulheres já sofriam mutilações institucionalizadas conforme os ritos de sua tribo. Estes rituais comprovam o quanto as mulheres eram violentadas desde os povos originários até a nossa atualidade.

Antes da cerimônia, seus cabelos eram cortados rentes à cabeça com uma pedra afiada ou com um osso de peixe. Se não houvesse instrumento cortante por perto, os cabelos eram aparados com fogo. Depois, as moças subiam em uma pedra plana onde os índios faziam-lhes incisões na pele com um dente de animal, riscando-as das espáduas as nádegas. Os cortes formavam uma cruz em sentido oblíquo e sua profundidade dependia da robustez ou da resistência das Jovens (RAMINELLI, Ronald, *apud in* PRIORE (org), 2012, p. 16-17).

Raminelli (2012) explicita, mesmo que o homem se encontre em seu estado de natureza, a sociedade indígena evidencia-se de forma patriarcal, pois para demonstrar o seu prestígio, era permitido a poligamia entre os bravos guerreiros da tribo. Essa forma de comportamento, entre os Tupinambás, concretiza que a mulher não passa de números e um objeto de uso pessoal.

A poligamia, entre os bravos guerreiros, era símbolo de prestígio. Enumerar as esposas era uma forma de homenagear a sua virtude. Quanto maior o número de mulheres, mais valentes eram considerados os homens. Muitas vezes os pais prometiam suas filhas, ainda meninas, aos chefes da tribo ou aos homens que com eles tivessem amizade. A união realizava-se somente depois que a menina atingisse a idade de casar. O enlace, contudo, persistia até o momento em que se repudiassem mutuamente. O casamento do chefe seguia os mesmos pressupostos de qualquer outra união entre casais da tribo (RAMINELLI, Ronald, *apud in* PRIORE (org), 2012, p.19).

Dessa forma podemos compreender que a mulher sempre foi submissa ao homem de acordo com a época e ao grupo social pelo qual pertencia. Araújo (2012), complementa que, de acordo com as escrituras bíblicas, as mulheres carregam consigo o estigma de serem “pecadoras, sedutoras e bruxas servidoras de satanás”.

Nunca se perdia a oportunidade de lembrar as mulheres o terrível mito do Éden, reafirmando e sempre presente na história humana. Não era de admirar, por exemplo, que o primeiro contato de EVA com as forças do mal, personificadas na serpente, inoculasse na própria natureza do feminino algo como um estigma atávico que predisponha fatalmente à transgressão, e esta, em sua medida extrema, revelava-se na prática

das feiticeiras, detentoras de saberes e poderes ensinados e conferidos por satanás (ARAÚJO, Emanuel, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.46).

Araújo (2012), nos relata sobre mulheres feiticeiras, que para conquistarem até mesmo o amor de alguém, invocavam as forças do mal através de rituais onde o demônio estava presente, dessa forma, a mulher é entendida como profana, utilizando-se de atributos considerados fora da ordem de conduta moral pelos religiosos e a sociedade.

Assim alardeava em público suas funções, o que só fazia atizar o imaginário ligado aos sabás, reuniões em que as feiticeiras entregavam-se ao diabo em cópulas fantásticas que começavam sempre com a mulher beijando o “vaso traseiro” ou “vaso imundo” de seu senhor espiritual, que para tanto levantava sobranceiramente a cauda (ARAÚJO, Emanuel, *apud in* PRIORE (org), 2012, p.48).

Araújo (2012), compreende que, mulheres sábias, ou seja, detentoras de conhecimentos, em séculos passados, mais precisamente no período colonial, eram consideradas impuras, porque não seguiam regras de boa conduta, onde deviam dedicar-se somente a aprendizados domésticos como: bordar, lavar, coser, etc.

O programa de estudos destinado às meninas era bem diferente do dirigido aos meninos, e mesmo nas matérias comuns, ministradas separadamente, o aprendizado delas limitava-se ao mínimo, de forma ligeira, leve. Só as que mais tarde seriam destinadas ao convento aprendiam latim e música; as demais restringiam-se ao que interessava ao funcionamento do futuro lar: ler, escrever, contar, coser e bordar; além disso, no máximo, que “ a mestra lhes refira alguns passos da história instrutivos e de edificação, e as faça entoar algumas cantigas inocentes, para as ter sempre alegres e divertidas”. No conjunto, o projeto educacional destacava a realização das mulheres pelo casamento, tornando-as afinal hábeis na “arte de prender a seus maridos e filhos como por encanto, sem que eles percebam a mão que os dirige nem a cabeça que os prende”. Em outras palavras, devia-se aguçar seu instinto feminino na velha prática da sedução, do encanto (ARAÚJO, Emanuel, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.50-51).

Contudo, nem sempre tudo era passível de controle social, pois, Araújo (2012), fala que até mesmo em pensamento, os desejos por vezes, não eram controláveis, por mais que a igreja fosse uma instituição controladora, os desejos e proibições, por

vezes, passavam dos limites impostos pela sociedade.

O ideal do adestramento completo, definitivo, perfeito, jamais foi alcançado por inteiro. A igreja bem que tentava domar os pensamentos e os sentimentos, muitas vezes até com algum sucesso, mas nem todo mundo aceitava passivamente tamanha interferência quando o fogo do desejo ardia pelo corpo ou quando as proibições passavam dos limites aceitáveis em determinadas circunstâncias (ARAÚJO, Emanuel, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.53).

Priore (2012), relata que em um período colonial, as doenças estavam associadas aos desregramentos do espírito e como não bastasse, o corpo feminino sempre foi visto pela igreja e através da medicina, como uma zona de conflito entre o sagrado e o profano, ou seja, entre Deus e o Diabo.

Num cenário em que doença e culpa se misturavam, o corpo feminino era visto, tanto por pregadores da Igreja católica quanto por médicos, como um palco nebuloso e obscuro no qual Deus e Diabo se digladiavam. Qualquer doença, qualquer mazela que atacasse uma mulher, era interpretada como um indício da ira celestial contra pecados cometidos, ou então era diagnosticada como sinal demoníaco ou feitiço diabólico. Esse imaginário, que tornava o corpo um extrato do céu ou do inferno, constituía um saber que orientava a medicina e supria provisoriamente as lacunas de seus conhecimentos (PRIORE, Mary Del (org.), 2012, p.78).

Vainfas (2012), corrobora, dizendo que as mulheres que viviam no século XVI eram punidas com os rigores da lei se desrespeitarem as regras moralistas da sociedade patriarcal do Brasil colonial.

As mulheres brancas, em pequeno número no acanhado litoral do século XVI, teriam em completa sujeição, primeiro aos pais, os todopoderosos senhores de engenho, depois aos maridos. Teriam vivido, como escreveu Gilberto Freyre, num “isolamentoárabe”, idealizando uma estrutura de serralho à moda tropical, quer no tocante à submissão, quer as eventuais “solturas” de sinhás e sinhazinhas, todas invariavelmente punidas, em caso de falta grave, com o rigor da lei patriarcal (VAINFAS, Ronaldo, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.115).

De fato, é notório, como a mulher foi e vem sendo rotulada, difamada, condenada, como o alvo principal do pecado carnal. Conforme Figueiredo (2012), em

Minas Gerais as mulheres negras, mulatas e carijós eram impulsionadas ao ramo da prostituição, devido a forma de depreciação pela qual sofriam pela sociedade elitista, chegando a receberem apelidos degradantes.

As prostitutas eram identificadas por apelidos nas comunidades em que habitavam. Surgiam assim “Sopinha”, “Cachoeira”, “Rabada”, “Pisca”, “Comprimento”, “Foguete”, “A mãe do Mundo” e muitos outros. O estigma da prostituição agora aparecia acompanhado desses depreciativos que reforçavam a desclassificação social de mulheres negras, mulatas, carijós empurradas para aquela prática (FIGUEIREDO, Luciano, *apud in* PRIORE (ORG.), 2012, p.157).

Figueiredo (2012), relata que muitas mulheres do Brasil no ciclo da mineração, em Minas Gerais, se prostituíam devido a sua vulnerabilidade social, muitas dessas mulheres praticavam tal atividade no âmbito familiar, ou seja, no local onde residiam, mesmo que fosse com parentes consanguíneos.

A pobreza em que muitas dessas mulheres viviam fez a prática do meretrício invadir o tecido familiar. Essa talvez constitua a dimensão mais dramática do fenômeno nas Minas. Muitas prostitutas atuavam no domicílio que partilhavam com parentes. Havia irmãs, como Domingas e Inácia, “mulheres meretrizes expostas a quem a procura”, e primas, como Narcisa e Rosa, que “admitem frequentemente homens em casa para fins torpes e desonestos”. Ou ainda esposas, filhas, enteadas, cunhadas, revelando que a prostituição constituía caminho de sobrevivência para mulheres pobres, no âmbito das unidades familiares (FIGUEIREDO, Luciano, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.162-163).

Figueiredo (2012), atrela a prostituição, a exploração por parte de homens fora do mercado de trabalho, capazes de negociarem até mesmo suas filhas de forma despudorada em troca de dinheiro inserindo-as no ramo da prostituição.

Se o binômio miséria e exclusão do mercado de trabalho transforma o cotidiano da sobrevivência das mulheres num verdadeiro inferno, oferece também a medida exata de sua enorme capacidade de luta e resistência naquela sociedade. Muitas mulheres precisaram adotar a prostituição como estratégia de sobrevivência e manutenção de suas unidades domésticas. Também homens, incapazes de prover seus lares como pais ou padrastos, negociavam suas filhas e dependentes (FIGUEIREDO, Luciano, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.163-164).

Podemos compreender através de Figueiredo (2012), que as mulheres, mais precisamente em Minas Gerais, região sudeste do Brasil, eram forçadas a tornarem-se prostitutas, porém, por vezes, a instituição religiosa, ou seja, a igreja, utilizava-se do poder, pelo qual era incumbido, de multar e prender mulheres para fins de que retomassem sua conduta correta.

A repressão da prostituição envolveu as forças do Estado e da Igreja no território das Minas. As visitas utilizaram com frequência o poder de prender e multar para obrigar as mulheres a retomarem o caminho reto. O Estado tentou restringir seu campo de ação e colocou os poderes policiais das câmaras para reprimir condutas erráticas. Por trás de tanto esforço estava com certeza a repressão à imoralidade e ao pecado (FIGUEIREDO, Luciano, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.164-165).

Figueiredo (2012), afirma que as mulheres mineiras, na época colonial, demonstravam um equilíbrio na vida cotidiana devido a algumas participações da mulher em eventos sociais e na economia, atuando no comércio, nem sempre foram submissas, porém enfrentaram preconceitos por parte de instituições que seguiam regras patriarcais.

A história das mulheres em Minas Gerais mistura em doses equilibradas elementos de extrema originalidade. De um lado, ao investigar essa história, descortina-se um universo de significativa participação das mulheres nas práticas sociais e na economia, ao contrário do que sempre pareceu constituir submissão e passividade, outrora marcas da presença feminina na história do Brasil. Por outro lado, ao revelar imagens opostas à tradição, as mulheres mineiras não diferem em termos significativos das mulheres na sociedade paulista ou no Rio de Janeiro, nas capitânicas do Nordeste ou mesmo em Portugal. O avesso já faz parte das percepções da moderna historiografia sobre as mulheres. Em muitas dessas regiões, as mulheres enfrentaram normas dominantes, preconceitos, perseguições, seja da Igreja, seja do Estado ou da administração colonial, para forjar um caminho de participação social e econômica possível (FIGUEIREDO, Luciano, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.184-185).

Falci (2012), fala sobre as mulheres do sertão brasileiro, como serem treinadas para desempenharem o papel de esposa, mãe e realizarem os afazeres domésticos, porém haviam as menos afortunadas, que buscavam sustento realizando atividades como: bordar, fazerem doces para venderem, ministravam aulas de piano e solfejo,

etc. Tudo isso como forma de agregar renda familiar, porém também sofriam preconceitos na sociedade, pela qual criticava as mulheres com a falácia de que não precisam adquirir dinheiro.

As mulheres de classe mais abastada não tinham muitas atividades fora do lar. Eram treinadas para desempenhar o papel de mãe e as chamadas “prezadas domésticas” - orientar os filhos, fazer ou mandar fazer a cozinha, costurar e bordar. Outras, menos afortunadas, viúvas ou de uma elite empobrecida, faziam doces por encomenda, arranjos de flores, bordados a crivo, davam aulas de piano e solfejo, e assim puderam ajudar no sustento e na educação da numerosa prole. Entretanto, essas atividades, além de não serem muito valorizadas, não eram muito bem-vistas socialmente. Tornavam-se facilmente alvo de maledicência por parte de homens e mulheres que acusavam a incapacidade do homem da casa, ou observavam sua decadência econômica. Por isso, muitas vendiam o produto de suas atividades através de outras pessoas por não querer aparecer. Na época, era voz comum que a mulher não precisava, e não deveria, ganhar dinheiro (FALCI, Miridan Knox, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.249).

Falci (2012), corrobora dizendo que as moças da elite nordestina, começavam desde cedo a preparar o enxoval de seu casamento, recebiam dotes, ou seja, heranças que iriam ser administradas pelo futuro marido, pois era negado às mulheres, o direito de tomar posses de seus bens e destinarem o que seria feito com eles, em resumo, elas não tinham autoridade para isso e somente seguem ordens do esposo. Assim, nos faz compreendermos que a mulher era considerada incapaz de ser independente e administrar seus próprios bens.

Vale lembrar que os maridos tinham “poder marital” sobre tais heranças, que, em muitas circunstâncias foram totalmente destruídas ou dilapidadas em detrimento do desejo de suas esposas. Cabia ao marido administrar os bens da esposa e a esta proibia-se alienar até mesmo suas propriedades imóveis através de hipotecas ou vendas (FALCI, Miridan Knox, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.259).

Assim, Falci (2012), explicita que as mulheres elitizadas, eram criadas com a finalidade de fazerem um bom casamento, ou seja, casarem com homens que possuíssem moradia e uma estabilidade financeira, porém as escravizadas, eram consideradas como coisas, simplesmente objetos sexuais ou até mesmo um depósito de embriões que se tornaram filhos bastardos.

É conhecido e demonstrado, pelo elevado número de filhos naturais e ilegítimos que o século XIX conheceu no Brasil, que o concubinato entre senhor e escrava, duradouro ou passageiro, teve largas extensões. No Piauí, por exemplo, são encontrados registros dessas ligações, casuais ou duradouras, com sinais explícitos de que a escrava era tratada como coisa, como objeto sexual (FALCI, Miridan Knox, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.275).

Pedro (2012), relata que as mulheres do sul do Brasil, em especial no Rio Grande do Sul, assumiam outra postura, pois na ausência de seus esposos, cuidavam sozinhas das estâncias, trabalhavam para sobreviverem.

Das mulheres do Rio Grande do Sul, observa: “Todas as mulheres que tenham visto de Rio Grande a esta parte são bonitas, têm olhos e cabelos negros, cútis branca e têm sobre as francesas a vantagem de serem mais coradas”. Descreve ainda a existência de inúmeras mulheres comandando estâncias, trabalhando, provendo sozinhas a sobrevivência, em vista da constante ausência dos maridos (PEDRO, Joana Maria, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.278).

Com o evento da Proclamação da República, Pedro (2012), fala que os ideais liberais predominavam no Rio Grande do Sul, imbricadas no positivismo de Augusto Comte, por vez, a mulher não tivesse inteligência inferiorizada a do homem, era mantida em confinamento.

Embora não tivesse inteligência inferior, ficava confinada ao espaço privado, considerado lugar sagrado e formador dos novos seres humanos. No ideário positivista, a mulher ideal era uma “filha obediente, esposa dedicada, mãe exemplar e, quando pobre, trabalhadora virtuosa” (PEDRO, Joana Maria, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.299).

Pedro (2012), explica que, após terem proclamado a República, o comportamento feminino estava sob constante vigilância para que os pensamentos não fossem desviados da boa conduta pelas quais as mulheres deveriam serem instituídas e conduzidas como donas de casa, também utilizavam o artifício de amedrontá-las com o terrível fim de tornarem-se prostitutas ao quebrarem as regras.

Aparentemente, o período posterior à proclamação da República foi também de intensa vigilância sobre o comportamento das mulheres, especialmente das pertencentes às camadas populares, das quais ficava difícil exigir apenas a restrição aos papéis de esposa, mãe e dona de casa. O “fantasma” da prostituição era utilizado com frequência, para lembrar-lhes de que não deveriam fugir à conduta que delas era esperada (PEDRO, Joana Maria, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.304).

De acordo com Pedro (2012), até mesmo o comportamento da mulher era considerado uma ameaça para a família, principalmente para quem queria concorrer a algum cargo público, não deveria depositar confiança no modo de agir e pensar das mulheres, pois conforme suas atitudes, os jornais da época faziam campanhas para não crerem em promessas femininas.

Não eram somente os comportamentos femininos que colocavam em risco a família, os do marido e dos filhos também estavam em questão, porém não com a importância daqueles das mulheres. Para todo um grupo de funcionários públicos que disputavam cargos do segundo escalão para baixo, a desonra familiar podia significar a perda de certos privilégios que os fariam manter os postos, apesar dos embates entre as facções em disputa. Em geral, tais funcionários eram os que escreviam e os que mais liam os jornais. Para eles, suas esposas e demais leitores, o jornal República, de 1891, alertava: “Confia tua boca aos ventos, mas não confieis teu coração às mulheres, porque a onda é menos pérfida que a promessa de uma mulher” (PEDRO, Joana Maria, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.311.).

Com o decorrer do tempo, a veiculação em jornais degradando o comportamento e pensamento feminino, foram perdendo as forças, Pedro (2012), corrobora dizendo que nos anos finais do século XIX e início do século XX, as imagens de mulheres passaram a serem menos publicadas e eventualmente apareciam em participações filantrópicas.

As imagens femininas idealizadas divulgadas nos jornais do século XIX foram rareando no final da década de 10 e início da década seguinte no século XX. Novas formas de distinção social, baseadas nas imagens das mulheres, pareciam configurar-se e refletiam-se nos jornais, em especial nas colunas sociais, dos eventos familiares, da participação das mulheres em atividades culturais e beneficentes (PEDRO, Joana Maria, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.312).

Pedro (2012), explicita que as mulheres foram ocupando espaços públicos através de seus feitos para fins de sobrevivência, seja através de vendas, prostituição, lecionando, etc. Aos poucos, as mulheres foram adquirindo visibilidade em diferentes centros urbanos.

A presença das mulheres nas repartições públicas, movendo processos; nas ruas, vendendo, lavando roupas, praticando a prostituição, provendo de inúmeras formas de sobrevivência; em suas casas, costurando; nas escolas, lecionando para as crianças, mostram a participação das mulheres no dia a dia das diferentes cidades que se urbaniza (PEDRO, Joana Maria, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.318).

Soihet (2012), atrela, a priori, que as mulheres eram consideradas frágeis, devendo assim condicionar a sua sexualidade e vocação maternal, para que não corrompesse seu comportamento preservando tais virtudes para obterem um bom casamento, em resumo deveriam serem submissas.

As imposições da nova ordem tinham o respaldo da ciência, o paradigma do momento. A medicina social assegurava como características femininas, por razões biológicas: a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. Em oposição, o homem conjugava a sua força física uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios. As características atribuídas às mulheres eram suficientes para justificar que se exigisse delas uma atitude de submissão, um comportamento que não maculasse sua honra. Estavam impedidas do exercício da sexualidade antes de se casarem e, depois, deviam restringi-la ao âmbito desse casamento (SOIHET, Rachel, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.363).

Não é de causar estranheza se caso alguém rotular uma mulher, pelo simples fato de como se veste, se relaciona, mesmo que apenas seja vista pela sociedade conversando com pessoas difamadas, prostituídas, viciadas, etc. Fonseca (2012), explica esse “pré-julgamento” feminino.

Não é, portanto, surpreendente que a profissão feminina mais comum

nos dossiês que estudamos seja a prostituição. Nada menos do que dezoito acusações diretas - sem falar nas instituições sobre “procedimento incorreto”, vida “irregular”, “duvidosa”, e “fácil” etc. É certo que em alguns casos podemos julgar que a acusação foi inventada por adversários da mulher. Mas várias mães chegaram a admitir suas atividades, inclusive para negar a pretensa paternidade de um requerente. Outras foram acusadas por testemunhas de terem caído na “franca prostituição”, sendo sua atividade de “notoriedade pública”, ou simplesmente de terem sido vistas “em companhia de mulheres de vida fácil, conversando com homens estranhos no mercado público - o que faz crer que não é uma mulher séria” (FONSECA, Claudia, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.533).

De fato, nem sempre todas as mulheres, pelo simples fato de terem amizades com prostitutas, não significava que as mesmas exerciam essa atividade. Porém, para “as pessoas de boa conduta”, estar em companhia de meretrizes, é o suficiente para serem consideradas do mesmo âmbito marginalizado. Fonseca (2012), explica que muitas mulheres se refugiavam no meretrício como meio de fuga de violência doméstica. A autora denota que, muitas mulheres eram casadas, mesmo assim exerciam a prostituição, não faziam parte de um grupo específico, ou seja, não residiam em um bairro ou cidade, constituído apenas de prostitutas. Também eram vistas como a decadência feminina.

Tem - se a impressão que nem toda mulher que entrava nessas casas se prostituía. Algumas estavam simplesmente procurando abrigo ou socorro moral junto a amigas ou parentes. O que consta, em todo caso, é que as meretrizes não constituíam uma população à parte. Eram casadas, amasiadas, vivendo nos cortiços e hotéis, lado a lado com “mulheres honestas” e operárias. Isso não significa que suas atividades profissionais eram necessariamente aceitas pelo vizindário, muito menos pelo marido, tampouco sofriam um ostracismo radical. A figura da prostituta se localizava na encruzilhada entre o estereótipo aterrorizante da “mulher decaída” e a realidade vivida por um sem-número de amásias, mães solteiras e crianças ilegítimas; em outras palavras, entre a condenação pela moral burguesa e a tolerância tácita para com um modo de vida que se desviava radicalmente da norma oficial (FONSECA, Claudia, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.534).

Analisando as teorias sobre as mulheres na história brasileira, denotamos que as mesmas sofreram muitos preconceitos e abusos até no ambiente de trabalho, pois como relata Rago (2012), o ambiente das fábricas era considerado como um local de perdição, o que nos faz crer que mulheres trabalhando fora de casa, seria motivo da destruição familiar. A autora nos faz compreender uma sociedade machista,

confinando a mulher somente ao ambiente doméstico, cuidando dos filhos e da casa.

Muitos acreditavam, ao lado dos teóricos e economistas ingleses e franceses, que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitada a raça, pois as crianças cresceriam mais soltas, sem a constante vigilância das mães. As mulheres deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas, se trabalhassem fora do lar, além do que um bom número delas deixaria de se interessar pelo casamento e pela maternidade (RAGO, Margareth, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.585).

Mas nem sempre as mulheres ficaram submissas no decorrer da história brasileira, algumas delas tiveram destaque em algumas áreas como na educação, é o caso de Maria Firmina dos Reis que como nos fala Telles (2012), foi uma maranhense que ganhava a vida lecionando em casa onde obteve o reconhecimento de Mestra Régia.

A professora morava e lecionava em casa, como era costume. Era reconhecida como Mestra Régia, o que na época significava professora formada e concursada em contraposição à professora leiga. Ensinar, mesmo sem preparo, foi para as mulheres do século passado uma oportunidade de trabalho. As escolas normais, onde quer que surgissem, atraíam grande quantidade de moças, pois foram, durante anos, uma possibilidade de desenvolvimento pessoal e de carreira (TELLES, Norma, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.410).

Dentre os séculos XX e XXI, algumas mulheres destacaram-se na história brasileira, Vasconcelos (2021)<sup>2</sup>, denota alguns nomes e seus posicionamentos na sociedade, dentre esses ícones femininos temos: Maria Quitéria (primeira mulher a se alistar nas forças armadas), Anita Garibaldi (lutou na guerra dos farrapos ao lado de Giuseppe Garibaldi), Maria Tomásia Figueira Lima (fundou a Sociedade Abolicionista das Senhoras Libertadoras), Irmã Dulce (símbolo de ativismo humanitário, beatificada pelo Vaticano), Ana Néri (destaque como enfermeira na guerra do Paraguai), Chiquinha Gonzaga (primeira maestrina brasileira), Bertha Lutz (ativista pelos direitos femininos), Enedina Alves Marques (primeira mulher negra formada em engenharia), Zilda Arns (médica pediatra dedicada a fundação Pastoral da Criança), Raimunda

---

<sup>2</sup> Disponível em: < <https://www.selecoes.com.br/cultura-lazer/mulheres-que-marcaram-a-historia-do-brasil/> >  
Acesso em: 09/01/2023.

Putani Yawnawá (embaixatriz da cultura Yawnawá e Diplomada Mulher Cidadã Bertha Lutz), Daiane dos Santos (ginasta olímpica a conquistar medalha de ouro em Anaheim nos Estados Unidos), Elza Soares (cantora, ativista contra o preconceito racial, feminista), Maria da Penha (coordenadora da ONG que auxilia vítimas de abuso e violência, também graças a sua luta contra a agressão das mulheres, foi sancionada a Lei Maria da Penha), Roberta Close (Primeira artista transexual no Brasil, mas somente teve sua identidade de gênero reconhecida, no ano de 2005), Leila Diniz (inspiração para todas as formas de amor e emancipação feminina), Marta Vieira da Silva (recebeu o título de melhor jogadora de futebol feminino do mundo e artilheira da Copa do Mundo de Futebol Feminino) e Fernanda Montenegro (atriz indicada ao Oscar em 1999 e ganhadora do Emmy Internacional de melhor atriz estrangeira no filme “Doce de mãe”). Sabemos que há mais mulheres protagonistas na história do Brasil, Vasconcelos (2021), citou apenas 17 nomes que tiveram o merecido reconhecimento no universo feminino.

A luta das mulheres sempre foi e será constante pelo reconhecimento de seus direitos civis e liberdade para fazerem suas escolhas. Porém, Priore (2012), fala que com as transformações da sociedade brasileira e a consolidação do capitalismo durante o século XIX, surgiu outra forma de pensamento burguesa. A partir dessa nova mentalidade, houve a reorganização das relações familiares em destaque para as atividades femininas. De acordo com Priore (2012), o surgimento da “nova mulher” seria um paradigma de valor imensurável, um tesouro social, dedicada somente com obrigações familiares e submissa.

Presenciamos ainda nesse período o nascimento de uma nova mulher da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível. Verdadeiros emblemas desse mundo relativamente fechado, a boa reputação financeira e a articulação com a parentela como forma de proteção ao mundo externo também marcaram o processo de urbanização do país (D’INCAO, Maria Ângela, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.223).

Priore (2012), nos compreende a mulher perfeita e respeitada na sociedade, como àquela senhora pela qual, deve obediência e subserviência ao seu esposo, dedicada aos afazeres domésticos e responsável pela criação dos filhos. Esse paradigma feminino, estaria privado dos fetiches eróticos e mais profanos do marido, o sexo praticado com as esposas, era com o intuito da procriação.

O romantismo, a vida burguesa e a dicotomia entre a vida pública e a privada também tornaram a prostituta necessária. Avesso da mãe de família, era ela a responsável pelo sexo criativo e prazeroso, em oposição áquele comedido que se fazia em casa, votado à procriação. A “mulher da vida” acentuava a clivagem entre o público e o privado: ela na rua, a esposa em casa, preservada de todo um saber sobre os prazeres eróticos. O adultério masculino era, nessa lógica, necessário ao bom funcionamento do sistema: havia quem dissesse que os bordéis eram construídos com tijolos da igreja. As esposas se ocupavam dos filhos, da casa e iam rezar: os homens bebiam, fumavam charutos e se divertiam com as prostitutas (PRIORE, Mary Del, 2016, p.275).

Priore (2016), denota dois significados de mulher: uma como “troféu” e a outra como “objeto”. O troféu seria para inflar o ego do macho e o objeto somente para uso e desuso, algo insignificante que teria o destino do descarte. Assim, Priore (2016), nos compreende que na história da sociedade brasileira, não havia importância para a formação profissional da mulher em qualquer âmbito do mercado de trabalho, somente para satisfazer os prazeres masculinos e agregar o valor de “homens de bem” na política e no meio social. No que tange a liberdade feminina em todos os âmbitos, Vieira (2016), afirma que a prostituta é uma construção contrária e necessária do que representa a liberdade feminina.

Sabemos que a prostituta foi construída como um contra – ideal necessário para atuar como limite à liberdade feminina. Os tempos mudaram! As mulheres da atualidade demonstram através de suas práticas que nem toda mulher nasceu para casar e ser submissa a um homem. Prostituta ou não, o casamento passou a ser escolha – e não obrigação – no ocidente (VIEIRA, Patrício de Albuquerque, 2016, p.3).

Adentrando ao universo da prostituição, vem o questionamento sobre quais motivos algumas mulheres se prostituem ou talvez a maioria delas. Vieira (2016), denota três possíveis causas: Desemprego, miséria e consumismo.

Nessa direção, parece que o desemprego e a miséria ocasionada pelos baixos salários configuram-se como as causas ativas da prostituição. Por um lado, é preciso considerar ingênuo pensar que a falta de oportunidade é a causa maior da permanência na prostituição, pois há outras questões que asseguram tal permanência, como por exemplo, a garantia de trabalho (sempre vai haver prostituição e quem procura pela realização do prazer) e as possibilidades de ampliação do consumo (roupas de grifes, acesso a bens culturais, etc.), além das gentilezas e dos carinhos dados pelos clientes que possivelmente, não seriam oferecidos pelo marido (VIEIRA, Patrício de Albuquerque, 2016, p.5-6).

Conforme a práxis reflexiva de Vieira (2016), compreendemos que mulheres em vulnerabilidade social tendem a se prostituírem, assim como há até mesmo as que são comprometidas com laços matrimoniais desde quando seu parceiro permita ou não. Também, adentrando o universo das mulheres na história brasileira, compreende-se que a mulher desonrada, sofre preconceitos, têm seus direitos negados, sofre violência em um meio social onde deveria ser submissa, dedicada e destinada aos afazeres domésticos, um paradigma estarrecedor e deprimente para os movimentos de luta constante pelos direitos femininos. Será que todos os clientes são gentis como nos fala Vieira (2016)? Nem sempre as prostitutas são tratadas com respeito, poderá ocorrer violência física e psicológica nesse ramo de trabalho, é o assunto a ser discutido a seguir sobre violência de gênero.

### 3 VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Quando falamos em gênero, qual seria a definição para esse termo? Para Saffioti (2004), o gênero não está imbricado ao sexo biológico e sim na construção social de homem ou mulher, “o gênero é a construção social do masculino e do feminino” (SAFFIOTI, Heleieth I. B., 2004, p.45). Como nos fala Saffioti (2004), a expressão violência de gênero está atrelada ao sinônimo de violência doméstica e familiar. “A expressão violência doméstica costuma ser empregada como sinônimo de violência familiar e, não tão raramente, também de violência de gênero” (SAFFIOTI, Heleieth I. B., 2004, p.44).

Desta forma podemos argumentar, sobre o preconceito em relação às mulheres, ou seja, sempre serão inferiorizadas pelas suas atitudes, posicionamento (político), escolhas, etc. Porém, consideramos que, também há mulheres com pensamentos machistas devido a não questionarem sua inferioridade social conforme nos fala Saffioti (2004).

Obviamente, os homens gostam de ideologias machistas, sem sequer ter noção do que seja uma ideologia. Mas eles não estão sozinhos. Entre as mulheres socializadas todas na ordem patriarcal do gênero, que atribui qualidades positivas aos homens e negativas, embora nem sempre, às mulheres, é pequena a proporção destas que não portam ideologias dominantes de gênero, ou seja, poucas mulheres questionam sua inferioridade social. Desta sorte, também há um número incalculável de mulheres machistas (SAFFIOTI, Heleieth I. B., 2004, p.34-35).

Não obstante, a violência de gênero em relação às mulheres, Saffioti (2004), acrescenta que, há também conflitos, principalmente no Brasil e uma das causas desses atritos são as desigualdades sociais.

Lamentavelmente, porém, em função de não se haver alcançado o desejável grau de democracia, há uma intolerância muito grande em relação às diferenças. O mais preocupante são as gerações mais jovens, cujos atos de crueldade para com os índios, sem teto, homossexuais revelam mais do que intolerância; demonstram rejeição profunda dos não-idênticos. As desigualdades constituem fontes de conflito, em especial quando tão abissais como no Brasil (SAFFIOTI, Heleieth I. B., 2004, p.37).

Ao compreendermos Saffioti (2004), denotamos que homens e algumas mulheres, reproduzem um discurso sem ter conhecimento do assunto e acabam por terem opiniões equivocadas sobre o conceito de gênero ou ideologia de gênero. Podemos destacar como alvo de violência sexista, física, preconceito, tanto por homens como pelas mulheres, as prostitutas que são na maioria das vezes julgadas e condenadas por pessoas totalmente alheias a sua realidade social. Conforme Saffioti (2004), atrelamos o conceito de violência, para quem pratica, principalmente relacionado a mulheres, pessoas que já sofreram abusos físicos, psíquicos e maus tratos.

A vítima de abusos físicos, psicológicos, morais e/ou sexuais é vista por cientistas como indivíduo com mais probabilidades de maltratar, sodomizar outros, enfim, de reproduzir contra outros, as violências sofridas, do mesmo modo como se mostrar mais vulnerável às investidas sexuais ou violência física ou psíquica de outrem (SAFFIOTI, Heleieth I.B., 2004, p.18).

*A priori* Saffioti (2004), se a violência de gênero está conceituada como familiar, podemos citar como exemplo, o abuso sexual que a criança sofre por parte paterna e inocentemente compreende como forma de afeto, Saffioti (2004), corrobora dizendo que logo a vítima “culpada”, sente-se a “sedutora”. Mal sabendo de tal ato libidinoso de seu pai, o abuso sexual de forma sedutora, constitui o pior e brutal ato via paterna, sem qualquer instrução educacional.

Sua culpa é proporcional à delicadeza do processo de sedução utilizado por seu pai. Ela sente-se a sedutora. Logo, seu pai foi sua vítima. Obviamente, nenhuma das abordagens convém à criança. Em termos de danos psíquicos e distúrbios sexuais posteriormente manifestados, o abuso sexual via sedução é infinitamente pior que a brutalidade do pai menos instruído e menos maneiroso (SAFFIOTI, Heleieth I.B., 2004, p.25).

Ao falarmos sobre violência contra as mulheres, podemos acrescentar a esse tema, os relatos de Saffioti (2004), que nos trazem uma das formas violentas de como as mulheres eram mutiladas e a área afetada é a sua vulva.

Entre as mutilações genitais, há a cliteridectomia, que consiste na ablação, no corte, na extirpação do clitóris, órgão que desempenha importante papel na relação sexual, sendo responsável pela maior parte do prazer. A cliteridectomia vem acompanhada, muitas vezes, da ablação dos lábios internos da vulva, o que reduz, ainda mais, o prazer obtido na relação sexual (SAFFIOTI, Heleieth I.B., 2004, p.48).

O que estamos tratando até aqui, é sobre a violência que as mulheres sofrem e sofreram por de alguma forma, serem “interpretadas” pelo patriarcado, como uma ameaça ao pudor e a castidade, Saffioti (2004), nos faz compreendermos sobre o assunto em sua obra. No que tange a temática sobre direitos femininos, Lipovetsky (2000), acrescenta que para uma realização pessoal, ou até mesmo uma independência financeira, a mulher se insere no mercado de trabalho em busca de um sentido para sua existência, o que nos compreende uma busca por direitos civis, atribuídos somente aos homens.

Se a aspiração das mulheres ao trabalho constitui uma manifestação fundamental da nova dinâmica individualista, nada seria mais redutor do que confundi-la com uma exigência de autonomia individual e de vida relacional ampliada. Recusando ser destinadas exclusivamente às tarefas naturais da reprodução, as mulheres reivindicam agora, pelo menos tendencialmente, os mesmos empregos, os mesmos salários que os homens, e querem ser julgadas a partir dos mesmos critérios “objetivos” de competência e de mérito adotados para os homens (LIPOVETSKY, Gilles, 2000, p.223)

Toda essa subordinação pela qual a mulher sempre esteve em relação ao homem não perdura com intensidade no século XXI, pois a mulher vem conquistando seu espaço no mercado de trabalho e ocupando seu espaço dentro da esfera social, Lipovetsky (2004), explica:

De agora em diante é um novo modelo que comanda o lugar e o destino social do feminino. Novo modelo que esse caracteriza por sua autonomização em relação à influência tradicional exercida pelos homens sobre as definições e significações imaginário- sociais da mulher. A primeira mulher era diabolizada e desprezada; a segunda mulher, adulada, idealizada, instalada num trono. Mas em todos os casos a mulher era subordinada ao homem, pensada por ele, definida em relação a ele: não era nada além do que o homem queria que fosse (LIPOVETSKY, Gilles, 2000, p.236).

Através da teorização de Lipovetsky (2000), observamos e concluímos, que a mulher sempre foi vislumbrada como uma ameaça para o universo masculino, classificada como alguém que deveria somente cumprir com ordens do “macho” e nem pensarem em trabalhar fora, pois aquela que se atrevesse em “profanar” a moral com “mau comportamento”, era considerada amaldiçoada.

Os séculos cristãos manifestaram uma hostilidade toda particular para com a sedução feminina. Ao longo de toda a Idade Média e por vezes até o século XVIII, os teólogos se encolerizam contra a mulher “ministro de idolatria”, Criatura vaidosa e viciosa, engodo de que se serve Satã para precipitar o homem no Inferno (LIPOVETSKY, Gilles, 2000, p.170).

Verbalmente, as mulheres sofrem violência ao interpretarmos as palavras de Lipovetsky (2000), pois como o autor nos relata, a imagem física feminina, constituía ameaça para os homens e toda a culpa do pecado carnal recaía sobre a fêmea. Não o bastante, Lipovetsky (2000), complementa dizendo que, ainda sim no século XIX, a beleza feminina é simbolizada como a decadência para os homens devido aos artifícios sedutores e libidinosos.

Ainda no século XIX, está em voga a temática da beleza maldita que semeia a ruína entre os homens. Prolongando uma tradição literária que remonta à Antiguidade Clássica, os românticos e os e as correntes “decadentistas” deram um relevo particular ao tipo de mulher vampiresca, bela e impura, inumana e funesta (LIPOVETSKY, Gilles, 2000, p.171).

Podemos considerar que, das possíveis causas de violência contra as mulheres, possivelmente, o fato dos homens não admitirem a inteligência e a força feminina até mesmo pela simplicidade de gerarem uma nova vida, o que demonstra terem um organismo forte. Saffioti (2004), nos explica como procedem tais funções orgânicas e comportamentais, possibilitando atos agressivos dos homens em relação às mulheres.

Capazes de engendrar uma nova vida, de produzir todos os nutrientes necessários ao desenvolvimento dos fetos e, ainda, de fabricar internamente leite para alimentar seus bebês, eram consideradas seres poderosos, mágicos, quase divinos. caíram do pedestal, quando se tomou conhecimento da imprescindível, mesmo que efêmera, colaboração masculina no engendramento de uma nova vida, mas persistiu a inveja de dar à luz novas criaturas. No fundo, os homens sabem que o organismo feminino é mais diferenciado que o masculino, mais forte, embora tendo menor força física, capaz de suportar até mesmo as violências por eles perpetradas. Não ignoram a capacidade das mulheres de suportar sofrimentos de ordem psicológica, de modo invejável. Talvez por estas razões tenham necessidade de mostrar sua “superioridade”, denotando, assim, sua inferioridade (SAFFIOTI, Heleieth I. B., 2004, p.33).

Para os homens, falhar significa uma desonra, a não admissão de sua sensibilidade suas fraquezas, o que importa e também, sempre será, a inferiorização que o sexo oposto tem em relação as mulheres. Saffioti (2004), esclarece um dos fatores determinantes pelo qual alguns homens ou talvez a maioria deles, não se permite o direito de errar.

Por quê? Porque homem não falha, ou melhor, não tem direito de falhar numa situação como a figurada, já que representa a força, quase a perfeição. Não é fácil ser homem. Se há uma tarefa perigosa a ser realizada, por um grupo sexualmente misto, é sempre um homem o escolhido para fazê-la. Se tiver um bom gosto seja para se vestir, seja para decorar sua casa, não é verdadeiramente homem, fica no Limbo dos prováveis homossexuais. Se é sensível, é efeminado (SAFFIOTI, Heleieth I. B., 2004, p.36).

Todavia, Saffioti (2004), compreende que deveria haver equilíbrio nas relações sociais, principalmente de gênero, para que não haja atritos, competitividade tanto no trabalho, como no desempenho vital, o que constitui uma situação de impotência tanto para homens quanto para mulheres.

O desequilíbrio reside juntamente num animus atrofiado nas mulheres e uma anima igualmente pouco desenvolvida nos homens. Sendo o núcleo central de animus o poder, tem-se, no terreno político, homens aptos ao seu desempenho, e mulheres não treinadas para exercê-lo. Ou seja, o patriarcado, quando se trata da coletividade, apoia-se neste desequilíbrio resultante de um desenvolvimento desigual de animus e de anima e, simultaneamente, o produz. Como todas as pessoas são a história de suas relações sociais, pode-se afirmar, da perspectiva sociológica, que a implantação lenta e gradual da primazia masculina produziu o desequilíbrio entre animus e anima em homens e mulheres, assim como resultou deste desequilíbrio (SAFFIOTI, Heleieth I. B., 2004, p.36-37).

O que de fato poderia ou poderá ser feito para que as duas partes da balança se harmonizem? De um modo geral, o respeito e valorização das mulheres como seres humanos e não objetos. Também, já foi feito, a criação de políticas públicas que fomentem a autonomia e exercício da cidadania para as mulheres, como nos fala o artigo 1º da 3ª Conferência Nacional de Políticas Para as Mulheres no Brasil.

Art.1º- A 3ª Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres, convocada pelo Decreto Presidencial de 15 de março de 2011, publicado no Diário Oficial da União, edição número 51, Seção 1, página 1, de 16/03/2011, terá o objetivo de discutir e elaborar políticas públicas voltadas à construção da igualdade, tendo como perspectiva o fortalecimento da autonomia econômica, social, cultural e política das mulheres, contribuindo para a erradicação da extrema pobreza e para o exercício pleno da cidadania das mulheres no Brasil (LOPES, Iriny, 2011, p.9).

Decretos e leis já foram estabelecidos em defesa dos direitos femininos, mas será que são cumpridos? A luta, ou seja, as lutas femininas são constantes, desde que as mulheres decidiram serem independentes economicamente, não aceitam caladas as agressões de seus parceiros, sejam elas verbais ou físicas. Veremos a seguir um pouco da transição: mulher submissa para mulher livre.

### **3.1 DA SUBMISSÃO A LIBERTAÇÃO**

Por muito tempo a mulher foi e ainda é rotulada como profana, julgada e condenada como sendo o próprio pecado, Lipovetsky (2000), relata sobre a inferiorização das mulheres desde épocas mais remotas, o autor fala que os aspectos positivos estão imbricados no homem, enquanto a mulher é depreciada e só tem “utilidade” no exercício da maternidade.

Por toda parte as atividades valorizadas são as exercidas pelos homens; por toda parte os mitos e discursos evocam a natureza inferior das mulheres; por toda parte o masculino é designado por valores positivos e o feminino, por valores negativos; por toda parte se exerce a supremacia do sexo masculino sobre o sexo feminino. As trocas matrimoniais, as tarefas valorizadas, as atividades nobres da guerra e da política estão nas mãos dos homens. Quando as mulheres participam das atividades culturais, no mais das vezes é na qualidade de atores de segunda linha. Uma única função escapa a essa desvalorização sistemática; a maternidade (LIPOVETSKY, Gilles, 2000, p.232).

Lipovetsky (2000), fala que mesmo as mulheres sendo depreciadas e destituídas de cargos nobres, como por exemplo na política ou qualquer outra função social, recai sobre o feminino, a temática de serem maléficas e misteriosas.

Isso não significa que as mulheres não tenham poder real e simbólico. Desprezadas ou depreciadas, afastadas, das funções nobres, nem por isso as mulheres são menos detentoras de poderes temidos. Dos mitos selvagens ao relato do Gênese, domina a temática da mulher, potência misteriosa e maléfica (LIPOVETSKY, Gilles, 2000, p.233).

Até então, a mulher era apenas vista como subalternas ao poder dos homens, Lipovetsky (2000), explica sobre a não importância das mulheres para exercerem cargos elevados, pelos quais somente são destinados aos homens e restando-lhes apenas as tarefas domésticas.

Mas, se as mulheres exercem certo número de poderes, não assumem em parte alguma, os cargos mais elevados, as funções políticas, militares e sacerdotais capazes de proporcionar o mais alto reconhecimento social. Apenas as atividades atribuídas aos homens são fonte de glória e renome. Os antigos certamente louvaram certo número de mulheres por suas virtudes exemplares, mas nem por isso o gênero feminino deixa de permanecer destinado às tarefas sem prestígio da vida doméstica (LIPOVETSKY, Gilles, 2000, p.233-234).

No entanto, quanto a questão feminina, Lipovetsky (2000), atribui o enaltecimento dos homens em relação às mulheres de forma excludente e satirizada, classificando-as como seres enganadores, sem conhecimento, sem escrúpulos.

Quando os homens se exprimem a respeito das mulheres, é no mais das vezes para estigmatizar seus vícios: de Aristóteles a Sêneca, de Plauto aos pregadores cristãos, domina uma tradição de diatribes e de sátiras contra a mulher, apresentada como ser enganador e licencioso, inconstante e ignorante, invejoso e perigoso (LIPOVETSKY, Gilles, 2000, p.234).

Com o passar dos anos, mais precisamente no século XIX, por volta da segunda Idade Média, Lipovetsky (2000), nos fala de um novo paradigma idealizado sobre as mulheres, conforme o desejo dos homens. Ao contrário da mulher ter sido

demonizada, agora é vista como um ser dócil, coberta de honrarias, valores de acordo com os anseios e parecer masculinos. O autor fala que, mesmo com tanta idealização feminina, os assuntos importantes em sociedade ainda são incumbidos aos homens.

Evidentemente, essa idealização desmedida da mulher não aboliu a realidade da hierarquia social dos sexos. As decisões importantes continuam a ser assunto dos homens, a mulher não desempenha nenhum papel na vida política, deve obediência ao marido, nega-se a ela a independência econômica e intelectual. O poder do feminino permanece confinado apenas aos campos do imaginário, dos discursos e da vida doméstica (LIPOVETSKY, Gilles, 2000, p.235).

Podemos compreender através de Lipovetsky (2000), que apesar da mulher ter sido exaltada e venerada, não deixou de viver sobre a sombra do macho. Os atributos de enaltecimento destinados ao sexo feminino, de um modo exacerbado, são “meras” idealizações masculinas. Apenas o modo como o sexo oposto “quer ver a imagem feminina” possui valorização. Ainda que o movimento feminista venha denotando conquistas ao longo da história, conforme Lipovetsky (2000), embora algumas leis tenham sido estabelecidas, o assédio sexual e estupro, perduram como violência contra as mulheres por toda parte, e suscitam de novas normatizações que sejam cumpridas em coletividade.

Continuamos aí. Sem dúvida, a retórica revolucionária já não ocupa o primeiro lugar e o feminismo como movimento social está marcando passo. No entanto, o processo de politização do sexual prossegue seu trajeto. As democracias vêm estabelecer-se novas legislações contra o assédio sexual, o incesto e o estupro; novas exigências de proibição da pornografia são pretendidas pelas feministas; mais do que nunca, do outro lado do Atlântico, a temática da guerra dos sexos é a coqueluche. Mas se, um pouco em toda parte, as violências cometidas contra as mulheres, o estupro e o assédio sexual suscitam interrogações e leis novas, não têm em toda parte o mesmo eco coletivo (LIPOVETSKY, Gilles, 2000, p.69).

Lipovetsky (2000), fala de uma “terceira mulher”, pela qual seria aquela dona de si mesma, alguém que conquistou e vem ocupando espaço nas esferas da sociedade. A mulher independente, para o autor, é no século XXI, conquistas no mundo do trabalho, o exercício de direitos iguais relacionados ao homem. Porém, as mulheres continuam suas lutas para não limitarem-se apenas no âmbito doméstico.

O lugar contemporâneo das mulheres no mundo do trabalho e da família ilustra exemplarmente a figura da terceira mulher como misto de avanço igualitário e de continuidade não igualitária. Em nossos dias, as mulheres ganharam o direito à independência econômica, a exercer todos os empregos e todas as responsabilidades, e, não obstante, a diferença trabalho masculino/ trabalho feminino persiste amplamente; as mulheres são majoritariamente ativas, mas sua preponderância na esfera doméstica continua gritante (LIPOVETSKY, Gilles, 2000, p. 240).

Ainda no que se refere ao mundo do trabalho, as questões de igualdade de direitos, nem sempre ou na maioria das vezes, as mulheres não possuem salários semelhantes ao dos homens de acordo com os cargos pelos quais exercem. Lipovetsky (2000), acrescenta que, apesar do trabalho feminino ter sido legitimado socialmente, não possui a mesma importância que a condição masculina.

Se é verdade que o trabalho feminino adquiriu uma legitimidade social sem dúvida irreversível, é igualmente verdade que sua condição nem sempre é semelhante à do trabalho dos homens. Mesmo nos grupos menos apegados ao modelo da mulher no lar, o trabalho assalariado da mulher raramente é julgado tão importante quanto o do marido (LIPOVETSKY, Gilles, 2000, p.241).

Mesmo com a independência econômica, as evidências de que uma parte das mulheres apoiam o enaltecimento masculino, é visível quando se trata do sustento da família em tempos de crise financeira. Lipovetsky (2000), fala sobre uma pequena parcela de mulheres que apoiam apenas o homem no mercado de trabalho, denotando um certo “machismo de saia”.

Nem todas as reticências e hesitações em relação ao trabalho feminino foram suprimidas. Em 1990, um terço das francesas ainda aprovava, mais ou menos, a ideia de que, em período de forte desemprego, a prioridade para um trabalho fosse dada a um homem e não a uma mulher. A maioria dos franceses (53%) continua a pensar que as mulheres nunca deveriam trabalhar quando têm filhos pequenos, ou que só deveriam trabalhar se a família não conseguisse viver com apenas um salário, ou então que nunca deveriam trabalhar (LIPOVETSKY, Gilles, 2000, p.242).

As mulheres vêm conquistando seus espaços na sociedade e no mercado de trabalho, embora ainda haja alguns enfrentamentos com relação a desigualdades de direitos bem como denotamos através de Lipovetsky (2000). Tudo isso porque a mulher do século XXI, possui determinação e coragem para enfrentar obstáculos. Percebemos esses atributos femininos ao depararmos com as ancestralidades de

acordo com o arquétipo da mulher selvagem, Estés (2014), nos explica esse encontro com os instintos selvagens que despertam na maioria das mulheres autoconfiança e perseverança quando lhes são impostos limites.

É nosso encontro com a Mulher Selvagem que nos leva a não limitar nossa conversa aos seres humanos, nossos momentos mais esplêndidos aos salões de dança, nossos ouvidos apenas à música produzida por instrumentos feitos pelo homem, nossos olhos à beleza "ensinada", nossos corpos às sensações aprovadas, nossas mentes àquilo a respeito de que todos já estão de acordo. Estas histórias apresentam o insight penetrante, a chama da vida apaixonada, o fôlego para dizer o que sabemos, a coragem de suportar o que vemos sem afastar os olhos, o perfume da alma selvagem (ESTES, Clarissa Pinkola, 2014, p.20).

Estés (2014), fala que cada mulher atinge seus conhecimentos, revela sua criatividade, através de meditações e das artes, seja pelo viés da dança, pintura, escrita, etc. Compreendemos aqui, mulheres independentes, com autonomia para tomarem suas decisões em qualquer situação complexa no âmbito familiar e em sociedade.

Cada mulher tem acesso potencial ao Rio Abajo Rio, esse rio por baixo do rio. Ela chega até ele através da meditação profunda, da dança, da arte de escrever, de pintar, de rezar, de cantar, de tamborilar, da imaginação ativa ou de qualquer atividade que exija uma intensa alteração da consciência. Uma mulher chega a esse mundo-entremundos através de anseios e da busca de algo que ela vê apenas com o cantinho dos olhos. Ela chega lá com artes profundamente criativas, através da solidão intencional e da prática de qualquer uma das artes. E mesmo com essas práticas bem executadas, grande parte do que ocorre neste mundo inefável permanece para sempre um mistério para nós por desrespeitar as leis físicas e racionais como as conhecemos (ESTÉS, Clarissa Pinkola, 2014, p.26).

Sem dúvida no que diz respeito a “terceira mulher” de Lipovetsky (2000), é a concretização e a ruptura histórica pela qual se vem construindo as identidades femininas no decorrer dos séculos e décadas, é um novo paradigma constituído de uma mulher dona de si, ou seja, protagonista de sua própria história.

O que se manifesta concretiza, mais profundamente, uma ruptura histórica na maneira pela qual é construída a identidade feminina, bem como as relações entre os sexos. Nossa época iniciou uma transformação sem precedente no modo de socialização e de individualização do feminino, uma generalização do princípio de livre governo de si, uma nova economia dos poderes femininos: é esse novo modelo histórico que chamamos de a terceira mulher (LIPOVETSKY, Gilles, 2000, p.231).

Cada vez mais, as mulheres vão se reconhecendo como sujeitos ativos em sociedade através de seus instintos. A mulher se constrói e se reinventa após suas decadências e represálias, são donas de seus corpos e mentes. Estés (2014), corrobora:

Através dos seus corpos, as mulheres vivem muito perto da natureza da vida-morte-vida. Quando as mulheres estão em pleno uso de sua mente instintiva, suas idéias e impulsos no sentido de amar, de criar, de acreditar, de desejar, nascem, cumprem seu tempo, fenecem e morrem, para renascer mais uma vez. Seria possível dizer que as mulheres põem esse conhecimento em prática no consciente e no inconsciente a cada ciclo lunar nas suas vidas. Para algumas, essa lua que determina os ciclos está lá no céu. Para outras, ela é a Mulher-esqueleto que vive nas suas próprias psiques (ESTÉS, Clarissa Pinkola, 2014, p.121).

Ao analisarmos as abordagens sobre violência de gênero, conforme Saffioti, Lipovetsky e Estés, constatamos que, há invisibilidades femininas de acordo com sua condição social. No mundo do trabalho, por mais que exerçam as mesmas funções, seus salários são inferiorizados com relação aos homens. Também, apesar de estigmatizadas, as mulheres conseguiram ocupar espaços na sociedade, porém ainda há muito que lutar para que não haja desigualdades. O assunto a ser discutido a seguir é sobre as mulheres e a prostituição.

## 4 MULHERES E A PROSTITUIÇÃO

De acordo com Borges (19/11/2023)<sup>3</sup>, a prostituição é considerada uma das práticas mais antigas do mundo. Embora em algumas culturas, a prostituição fosse consagrada, no decorrer do tempo, foi estigmatizada, uma forma de exploração do corpo feminino. Já, Priore (2016), acrescenta que na época do império as prostitutas eram necessárias, ao contrário das senhoras mães de família que viviam somente para cuidarem do lar e seus filhos. “ A mulher “da vida” acentuava a clivagem entre o público e o privado: ela na rua, a esposa em casa, preservada de todo um saber sobre os prazeres eróticos” (PRIORE, Mary Del, 2016, p.275). De fato, não podemos esquecer que as mulheres negras sempre estiveram nas ruas, diferentemente das brancas.

Também há casos em que as mulheres são forçadas a se prostituírem devido a falta de oportunidade no mercado de trabalho conforme nos relata Borges (19/11/2023). O autor corrobora dizendo que a etimologia da prostituição ocorreu cerca de 2400 a.C. na Mesopotâmia. Apesar das prostitutas serem respeitadas em algumas civilizações, como por exemplo na Grécia, era condenada pela igreja católica na idade média.

Nesse sentido, medidas foram tomadas para adequar homens e mulheres dos segmentos populares ao novo estado de coisas, inculcando-lhes valores e formas de comportamento que passavam pela rígida disciplinarização do espaço e do tempo do trabalho, estendendo-se às demais esferas da vida (SOIHET, Rachel, *apud in* PRIORE (org.), 2012, p.362).

Ainda, em nossa atualidade, as prostitutas são consideradas pela sociedade como imorais, discriminadas e sofrem até violência. Infelizmente em uma sociedade patriarcal, onde o conservadorismo fala mais alto, as prostitutas são desprovidas de muitos direitos, como por exemplo, a legalização da profissão, Borges (19/11/2023), atrela que ao legalizarem esse trabalho, estão colaborando para a exploração e violência contra as mulheres.

---

<sup>3</sup> Disponível em:< <https://listologia.com/prostituicao-significado-origem/>> Acesso em: 19/11/2023 às 19:40 da noite.

Como já sabemos, e Borges (19/11/2023), nos confirma, a prostituição é o ato de venda do próprio corpo como meio de obter dinheiro para o sustento da família e cobrir despesas, como: conta de água, luz, aluguel, etc. Em concomitância com o autor, destacam-se como formas de prostituição em casas noturnas, ruas, boates e até site virtual. Estamos tratando aqui de mulheres em vulnerabilidade social sem distinção de classe, raça ou etnia, diferente de como nos fala Priore (2016), que nos expõe duas classes de prostitutas: as cocottes e as polacas, sendo as de luxo a primeira e a segunda representando a parte miserável na época do império.

“Havia as cocottes e as polacas. As primeiras representando o luxo e a ostentação. As segundas substituindo mulatas e portuguesas, representavam a miséria” (PRIORE, Mary Del, 2016, p.277). Após conhecermos algumas definições sobre prostituição, veremos a seguir, até por uma questão de localização, um resumo sobre onde está situada e como está constituída a cidade de São Borja.

De acordo com Mendes (2016), São Borja está situada na fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul, é banhada pelo rio Uruguai. Limita-se com as cidades de Santo Antônio das Missões, Maçambará, Garruchos, Itaqui, Unistalda e Itacurubi. Ainda conforme Mendes (2016), há dez grandes bairros em São Borja, são eles: Passo, Centro, Paraboi, Itacherê, José Pereira Alvarez, Maria do Carmo, Tiro, Pirahy, Florêncio Aquino Guimarães e Bettim. Devido a ser berço de dois presidentes da República Federativa do Brasil, Getúlio Dornelles Vargas e João Belchior Goulart (Jango), São Borja é cultuada pela maioria de seus habitantes como “Terra dos Presidentes”.

Após ficarmos sabendo uma breve história de São Borja, apresentamos o tratamento dos dados a partir da identificação das mulheres entrevistadas. Optamos por manter sigilo aos nomes legítimos, pois algumas são casadas, devido a essas prerrogativas, colocamos nomes de flores para cada nome, dispostos sob essa forma: Cravina, Crisântemo, Jasmim, Margarida, Lírio, Begônia, Girassol, Azaleia e Rosa.

Partindo do pressuposto de que a mulher se prostitui “porque gosta”, apresentamos os resultados do trabalho empírico realizado na cidade de São Borja sob a forma de relatório embasado nas falas das mulheres entrevistadas em casas de prostituição.

Quanto à idade de cada mulher que faz programa em São Borja, temos:

IDADE	21	37	38	39	40	44	45	52	68
QUANTIDADE	1	1	1	1	1	1	1	1	1

Fonte: Marta Elaine Vercelhesi Mendes.

De acordo com a localização, sete das mulheres entrevistadas residem no bairro Pirahy, uma no bairro do Centro e uma no bairro Itacherê em São Borja, porém há duas mulheres prostituídas naturais de outra cidade e outro estado, uma delas, natural da Barra do Quaraí no Rio Grande do Sul e outra do estado da Bahia, mas não informou a cidade.

Ao questionarmos sobre a escolaridade de cada mulher na entrevista, fomos informados que há sete com o ensino fundamental incompleto, uma com o ensino médio incompleto e uma com o ensino superior completo, cuja sua formação é de assistente social. Quanto à profissão, temos seis do lar<sup>4</sup>, duas autônomas (trabalham com vendas de lingerie e cosméticos) e uma pensionista, lembrando que essas ocupações são concomitantes a prostituição.

Conforme o estado civil, dentre as entrevistadas temos: três solteiras, uma separada, uma divorciada, duas viúvas e duas casadas. Quanto a forma de como com quem residem, temos: uma mora com a filha e o neto, duas moram com seus esposos, uma com o namorado, uma com as amigas, três moram com os filhos e uma mora com o pai.

Quanto à raça/etnia, as mulheres se autodeclararam: seis brancas, uma negra e duas pardas. Devido às pessoas possuírem alguma crença, perguntamos para as prostitutas se elas praticam alguma religião e sete responderam que sim e apenas duas disseram não. Também, questionamos sobre qual religião costumam a praticar, as respostas foram: uma frequenta a igreja do evangelho quadrangular, três são católicas, três são umbandistas e duas não possuem religião.

Ainda sobre identificação, perguntamos sobre a orientação sexual das entrevistadas, então temos: oito disseram serem heterossexuais e uma se identifica como bissexual. O que temos aqui, é a forma como essas mulheres construíram suas

---

<sup>4</sup> Para a Previdência Social, a profissão “do lar” pode e deve ser regulamentada, já que a lei nº 8.213/91 em seu artigo 13, estabelece o conceito de segurado facultativo.

identidades de gênero no decorrer de suas vidas, ou seja, dentro da lógica social.

A cultura do corpo, as discussões sobre gênero e as disputas por liberdade sexual, são usados no mundo moderno como aparatos para justificar a luta por igualdade, liberdade e fraternidade, pautada na lógica social segundo a qual todos têm direito a construir e vivenciar realidades sociais de forma condizente com as construções de identidade (ROBALLO, Lins, *apud in* ALMEIDA, Cristóvão (og.), 2019, p.11).

Para adentrarmos na contextualização das mulheres prostituídas em São Borja, questionamos sobre o ramo de atividade pelo qual elas exercem no momento, é espontâneo ou não possuem outra oportunidade, então elas nos deram as seguintes respostas:

Begônia: *“Não tive outra oportunidade, não tenho muito estudo, não tinha incentivo quando era mais nova ficava em casa com meu irmão pra mãe i trabalha” (18/09/2023, 17:00hs, segunda feira).*

Cravina: *“Não tive oportunidade, já trabalhei de doméstica, mas é muita exploração, no dia de recebe não pagavam intero só a metade do salário, fiquei cum problema de rins i bexiga” (18/09/2023, 17:00hs, segunda feira).*

Crisântemo: *“Não, eu era casada com um juiz, ele era mais velho, vinte anos do qui eu, daí ele morreu, trabalho pra me mante” (23/09/2023, 17:00hs, sábado).*

Rosa: *“Não tive oportunidade, sempri fui assim desde os 16 anos de idade, si arruma um home que mi ajude eu largo essa vida i também porque não tive muito estudo pra sustenta os filho” (23/09/2023, 17:00hs, sábado).*

Jasmim: *“ É ispontânio, faço pra completa a minha renda” (23/09/2023, 17:00hs, sábado).*

Azaleia: *“Por falta de oportunidade, falta de istudo, necissidades,pela família, pelus filho, a necissidade me obrigo a chega onde esto” (23/09/2023, 17:00hs, sábado).*

Lírio: *“Não tive outra oportunidade por causa da minha iscolaridade, não estudei mais porque engravidei cedo cum dez anos, minha mãe pediu pra eu para de istuda, mais porque to protegida, sofri ameaça do meu ex eli falo que ia manda me mata se eu tive*

otro, conheci ele pela interneti, queru junta um dinheiro pra i embora pra casa”(23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Margarida: ” Não tivi outra oportunidade, cum certeza por causa dos filho, as vezes a renda qui a gente tem não cobre as dispeza”(23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Girassol: ” Para custiar uma formação pedagógica, pra os gasto da casa com criança” (23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Denotamos através das falas, que apenas uma delas está no ramo da prostituição por espontaneidade e as demais devido a não terem oportunidades em outros setores do mercado de trabalho. Perguntamos sobre como tratam as questões de gênero em nossa atualidade, obtivemos as seguintes respostas:

Lírio: ” No meu caso a mulher sofre agressão, comigo aconteceu de se envolve com um presidiário e termina o relacionamento e se agredida por ele e pela mãe dele que me ameaça e me ameação, aqui eu to protegida”(23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Margarida: ”O meu ex marido não gostava que eu trabalhava, nunca gosto que eu tivesse mais renda qui ele” (23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Girassol: ”Acho qui hoje em dia a aceitação tá melhor do que antigamente, menos preconceito na sociedade”(23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Crisântemo: ”O home sempri é bem tratado, não perde o machismo dele, a mulher tá sempri abaxo”(23/09/2023,17:00hs, sábado).

Rosa: ”Vejo os homes querendo manda mais do qui as mulheres” (23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Begônia: ”O home onde chega, chega bem, a mulher sofri mais, até pra trabalha é mais dificil”(18/09/2023, 17:00hs, segunda feira).

Cravina: ”Relações de desigualdade, quando em um serviços mulher devia de recebe o mesmo salário qui o home ela não recebe”(18/09/2023, 17:00hs, segunda feira).

Jasmim: ”Eu achu qui a mulher é mais discriminada, até num serviçu ele ganha mais”(23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Azaleia: ”A maioria das parte é desigualdade, até quando uma pessoa tá no carro e erra na direção, já falam qui só pode se mulher” (23/09/2023, 17:00hs, sábado).

De acordo com as respostas sobre relações de gênero, é perceptível as desigualdades de direitos, seria mais simples ou é difícil se alguns ou a maioria dos homens, compreendessem as mulheres? “Às vezes as mulheres ficam cansadas e irritadas à espera de que seus parceiros as compreendam” (ESTÉS, Clarissa Pinkola, 2014, p.150). Porém, fica evidente, que ainda há muito que lutar para transformar a sociedade de São Borja menos excludente e machista. Pedimos para as mulheres entrevistadas definirem o que é ser mulher para cada uma delas, obtivemos as seguintes respostas:

Cravina: *”Ser mulher é ter seu valor, a sua liberdade pra ter seu próprio dinheiro”* (18/09/2023, 17:00hs, segunda feira).

Lírio: *”É se independente, corajosa, sem medo do que tive que acontece”*(23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Margarida: *”Mulher pra mim é se determinada e impoderada em todas as situações”* (23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Girassol: *”Eu acho qui é uma benção de Deus, uma obra prima, porqui o home nasceu da mulher”* (23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Crisântemo: *”Ser mulher é te qui dá duro e se autoritária pra impor respeito na vida da gente, se dá cum todo mundo, vive a vida, não se melhor du qui ninguém”*(23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Rosa: *”É tê assim, corage, tê atitude, enfrenta, passa pur tudo qui vem pela frente”* (23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Begônia: *”Se mulher pra mim é...passa mais trabalho qui o home, pro home tudo é aceito, pra mulher não é aceito muita coisa”* (18/09/2023, 17:00hs, segunda feira).

Jasmim: *”Se mulher é ótimo, a mulher tá cum toda a independência, mulher tem autonomia agora”*(23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Azaleia: *”É uma dádiva, é tudo, amo se mulher, tudo o qui eu fiz não mi arrependo, amo tê disposição e saúde pra anda”*(23/09/2023, 17:00hs, sábado).

As falas denotam enaltecimento, independência e represália feminina, o que nos remete aos conceitos de primeira, segunda e terceira mulher, *a priori* Lipovetsky (2000). Seguindo com nossa entrevista, perguntamos se as mulheres de nossa

atualidade preocupam-se mais com a aparência de seus corpos do que antigamente e todas as entrevistadas responderam que sim, logo justificaram das seguintes formas:

Azaleia: *"Porqui eu acho, a meu ver, qui as mulheres se preocupam com a aparência pra os otros, seu bem social pra os otros"* (23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Jasmim: *"Porqui hoje tem tudo qui é procedimento, né?! A mulher se preocupa com u cabelo, com u rosto"* (23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Begônia: *"Agora as mulher si dão mais valor, procuram mais acadêmia, até as mulher de idade, antis não as mulher ficavam de qualquer jeito"*(18/09/2023, 17:00hs, segunda feira).

Rosa: *"Atualmente a opinião dos otros acaba incomodando a gente, se senti mais bonita, mais elegante a auto estima em cima"*(23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Crisântemo: *"Porqui elas querem anda bunita, bem arrumadinha, andam sempri se arrumando i sempri se ajeitando"*(23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Margarida: *"Porqui eu achu qui a única coisa qui a mulher tem na sua autu estima é cuida da sua aparência, du seu corpu"*(23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Girassol: *"Porqui hoji em dia têm muitos procedimento, tem mais oportunidade de se arruma, mais chanci de fica menos feia"*(23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Lírio: *"Por causa da aparência mesmo, até pra arruma um serviço"*(23/09/2023, 17:00hs, sábado).

Cravina: *"Antigamente as mulher não se cuidavam muito comu hoji em dia, até pra própria saúde"* (18/09/2023, 17:00hs, segunda feira).

Em nossa atualidade as mulheres estão bem mais cuidadosas tanto esteticamente quanto para a própria saúde, o que está implícito nas falas das entrevistadas. A partir de alguma faixa etária, a sociedade exige alguns atributos mais requintados quanto a aparência feminina ou não, para termos certeza de que há algum padrão estético, perguntamos quais seriam as exigências no âmbito social com relação a mulher, conforme a visão do todo das entrevistadas. As mulheres responderam do seguinte modo:

Cravina: *"Exigem a estética, olham dos pés a cabeça, olham si a unha tá bem feita, a*

*ropa qui veste, tudo”(18/09/2023, 17:00hs, segunda feira).*

Lírio: *”É mais pur causa do emprego, tê uma estética perfeita” (23/09/2023, 17:00hs, sábado).*

Girassol: *”As exigências, a aparência é tudo, até num serviço, uma aparência até nas vestimenta”(23/09/2023, 17:00hs, sábado).*

Margarida: *”Tem gente qui pensa qui si a mulher não tá bem apresentada, eu acredito qui já olham cum otros olhos,” aquela lá tá atirada “, a autu estima tem qui tá boa” (23/09/2023, 17:00hs, sábado).*

Crisântemo: *”Tem qui ter boa aparência, tê referência” (23/09/2023, 17:00hs, sábado).*

Rosa: *”Criticam a estatura, por eu se baxinha, também as ropa qui veste”(23/09/2023, 17:00hs,sábado).*

Begônia: *”A mulher devi se arruma mais, quantu mais velha tem qui se arruma mais, porqui quantu mais velha é mais”(18/09/2023, 17:00hs, segunda feira).*

Jasmim: *”Eu achu qui eles querem mulher magra, a maioria critica mulher gorda, tem muita discriminação, querem capa de revista” (23/09/2023, 17:00hs, sábado).*

Azaleia: *”Se tu tá mal vestida, até em um lugar si você chega mal vestida é tratada cum inferioridade” (23/09/2023, 17:00hs, sábado).*

Percebemos o quanto a mulher ainda é inferiorizada, ainda mais retratando o modo como as entrevistadas falam. Também são excluídas, não somente pela sua condição social, e sim pela aparência, até mesmo pelo seu vestuário. Wolf (2018), corrobora dizendo que é uma forma de como nos sentimos, a questão da beleza está em nossa subjetividade e muitas vezes nos culpamos e emudecemos, por seguir padrões de estética sem termos um estilo próprio. “ Seu próprio silêncio provém do mito. Se nós nos sentimos feias, a culpa é nossa” (WOLF, Naomi, 2018, p.217). Chegamos a essa constatação através dos relatos das entrevistadas. Por fim, questionamos se toda mulher tem direito às suas próprias escolhas, todas as mulheres entrevistadas responderam sim e deram as seguintes explicações:

Azaleia: *”Porqui a mulher, eu achu no meu ver, qui ela tem qui ser como o home, responde por ela mesmo” (23/09/2023, 17:00hs, sábado).*

Jasmim: *”Porqui a mulher tem a sua autonomia hoji, antigamente não tinha, os marido*

*qui mandavam, não podia trabalha fora, hoji em dia pode”(23/09/2023, 17:00hs, sábado).*

*Begônia: ”Porqui a mulher hoji em dia é livre, faz o qui que, não são mais mandada por marido”(18/09/2023,17:00hs, segunda feira).*

*Rosa: ”Porqui nós somo livre pra faze o que qué, o qui gosta, a gente que se sustenta”(23/09/2023, 17:00hs, sábado).*

*Crisântemo: ”Porqui mulher é autoritária, antigamente nós não era, tu faz um filho,tu vai cria, tem qui dá conta de tudo” (23/09/2023, 17:00hs, sábado).*

*Margarida: ”Porqui sempri gostei de se eu mesma, de tê meu próprio dinheiro e é isso que a maioria dos home não aceita” (23/09/2023, 17:00hs, sábado).*

*Cravina: ”Achu assim que igualdade tem qui se pra todos, trabalha nu qui quise, se o home tem direito a mulher também tem” (18/09/2023, 17:00hs, segunda feira).*

*Girassol: ”Todo mundu tem direito de ir i vir, tantu home comu mulher, a mulher tá muito independente hoji em dia” (23/09/2023, 17:00hs, sábado).*

*Lírio: ”Hoji em dia a mulher pode sê o qui ela quise” (23/09/2023, 17:00hs, sábado).*

Ao interpretarmos as falas das prostitutas, adentramos no nível microsocial de cada uma delas, para trazermos à tona quais os motivos que levam e levaram essas mulheres a se prostituírem em São Borja. Denotamos que muitas delas se prostituem porque não tiveram oportunidades no mercado de trabalho e precisam ter um meio de sustento para a família.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizarmos o estudo sobre a prostituição de mulheres na cidade de São Borja, perpassamos os caminhos da história das mulheres brasileiras e compreendemos o quanto eram inferiorizadas, criadas para casarem onde a finalidade era de procriarem, cuidarem da casa e afazeres domésticos. “A mulher que se deixasse conduzir por excessos, guiar por suas necessidades, só podia terminar na sarjeta, espreitada pela doença e a miséria profunda” (PRIORE, Mary Del, 2016, p.281). Também apesar das discriminações existiram mulheres que fizeram história por romperem com padrões da sociedade patriarcal.

Denotamos através do assunto sobre violência de gênero que, os homens sempre consideraram a mulher como uma ameaça, pois desde a gênese a mulher é considerada indutora do pecado mortal, um ser que desvia o homem de seus princípios morais. Um ser maligno, como nos apresentou Lipovetsky (2000), mas também foi enaltecida e libertou-se das amarras do preconceito, porém ainda há muito que lutar contra a violência e injustiças.

Analisando o contexto social das mulheres que trabalham em casas de prostituição em São Borja, detectamos que muitas delas estão nesse ramo de atividade por não terem outras oportunidades de trabalho. A maioria das prostitutas, fazem programa para sustentarem seus filhos, cobrirem despesas com água, luz, alimentação, pagar faculdade, etc. Embora, houvesse uma das entrevistadas que declarou ser prostituta por espontaneidade, ela acrescentou que era mais para obter outra fonte de renda. É perceptível através das falas das entrevistadas que a situação econômica das mulheres não é boa, pois muitas relataram não terem muito estudo para arrumarem um emprego melhor.

Muitas das entrevistadas estão na faixa etária entre os 30 a 40 anos de idade, apenas uma com 21 anos e uma com 68, percebemos por meio dos dados de identificação das prostitutas. Enfim, constatamos que uma delas encontrou na casa de prostituição, um meio de proteção devido a ter sofrido violência física e psicológica pelo seu ex companheiro. Assim, podemos dizer que a nossa pesquisa, nos ensinou a entendermos e conhecermos a realidade das pessoas. Notar que nem sempre estamos ocupando o lugar e exercendo a profissão que queremos, nesse caso a maioria das mulheres prostituídas, não gostam da prostituição consideram apenas um meio de obterem dinheiro por serem excluídas do mercado de trabalho.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cristóvão Domingos de (org.). **Diversidade & Gênero: vozes e corpos que constroem identidades LBTT+ na fronteira**. Bagé, RS: Faith, 2019.

ARAÚJO, Emanuel. **A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia (p.45) apud in PRIORE (org)**. São Paulo: Contexto, 2012.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BORGES, Pedro. **Prostituição: Desvendando a História e Significado**. Disponível em: < <https://listologia.com/prostituicao-significado-origem/> > Acesso em: 19/11/2023.

D`INCAO, Maria Ângela. **Mulher e família burguesa (p.223) apud in PRIORE (org)**. São Paulo: Contexto, 2012.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres Que Correm Com os Lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem**. 1ªed. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FIGUEIREDO, Luciano. **Mulheres nas Minas Gerais (p.141) apud in PRIORE (org.)**. São Paulo: Contexto, 2012.

FALCI, Miridan Knox. **Mulheres do sertão nordestino (p.241) apud in PRIORE (org)**. São Paulo: Contexto, 2012.

FONSECA, Cláudia. **Ser mulher, mãe e pobre (p.510) apud in PRIORE (org.)**. São Paulo: Contexto, 2012.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: Tipos fundamentais**. V.35. São Paulo: Revista de Administração de Empresas, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA, Tatiane Michele Melo de. **A prostituição feminina no Brasil: da "questão de polícia" à conquista de direitos**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

LOPES, Iriny. **3ª CONFERÊNCIA NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES**. Brasília: SPM (Secretaria de Políticas para Mulheres), 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MENDES, Marta Elaine Vercelhesi. **Anúncios de Lingerie sob o olhar das mulheres de São Borja**. São Borja: Universidade Federal do Pampa – Unipampa, 2016.

PRIORE, Mary Del. **Histórias da Gente Brasileira: Império**. V.2. São Paulo: Leya, 2016.

PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres do Sul (p.278) apud in PRIORE (org.)**. São Paulo: Contexto, 2012.

RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade (p.578) apud in PRIORE (org.)**. São Paulo: Contexto, 2012.

RAMINELLI, Ronald. **Eva Tupinambá (p.11) apud in PRIORE (org.)**. São Paulo: Contexto, 2012.

ROBALLO, Lins. **Gênero, Sexo e Identidade: Nada Além do Normal (p.11) apud in ALMEIDA (org.)**. Bagé, RS: Faith, 2019.

SOIHET, Rachel. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano (p.362) apud in PRIORE (org.)**. São Paulo: Contexto, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

TELLES, Norma. **Escritoras, escritas, escrituras (p.401) apud in PRIORE (org.)**. São Paulo: Contexto, 2012.

VAINFAS, Ronaldo. **Homoerotismo feminino e o Santo Ofício (p.115) apud in PRIORE (org.)**. São Paulo: Contexto, 2012.

VASCONCELOS, Ana Luiza. **17 Mulheres que marcaram a história do Brasil**. Disponível em: < <https://www.selecoes.com.br/cultura-lazer/mulheres-que-marcaram-a-historia-do-brasil/> > Acesso em: 09/01/2023.

VIEIRA, Patrício de Albuquerque. **ENTRE SANTAS E PUTAS: REFLEXÕES SOBRE A PROSTITUIÇÃO DE MULHERES.** Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/22929>>. Acesso em: 25/12/2022 20:00.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

## ANEXOS

### QUESTIONÁRIO

Pergunta de exclusão: 1-Você concorda em responder a esse questionário?

a)  Sim b)  Não

Se for sim a resposta, continua a entrevista.

Dados de identificação:

2- Qual é a sua Idade? -----

3- Qual é o nome do bairro onde reside em São Borja:  Centro  Passo  Pirhay (  
 Betim  Paraboi  Itacherê  Maria do Carmo  Bairro do Tiro  Bairro Florêncio  
 Aquino Guimarães  Bairro José Pereira Alvarez

4- Qual é a sua escolaridade?  Ensino Fundamental incompleto  Ensino  
 Fundamental completo  em andamento  Ensino Médio incompleto  Ensino Médio  
 completo  em andamento  Técnico, qual? \_\_\_\_\_   
 em andamento  concluído  Ensino Superior incompleto  Ensino Superior  
 completo  Tecnológico  Licenciatura  Bacharelado  
 Qual? \_\_\_\_\_  em andamento  Especialização   
 Mestrado  Doutorado  Pós-doutorado  em andamento  concluído

5-Profissão: \_\_\_\_\_

6-Estado civil:  Solteira  Casada  Separada  Divorciada

7- Com quem reside? Múltipla escolha

marido  filhos  outros parentes  amigas  sozinha  outras, quais? -----  
 -----

8- Como você se auto declara? -----

9- Pratica alguma religião?  Sim  Não

10- Qual dessas religiões abaixo você pratica?

Judaísmo  Budismo  Mussulmana  Umbanda  Candomblé  Espirita   
 Católica  Luterana  Anglicana  Assembleia de Deus  Batista  Quadrangular  
 Adventista  Outra, qual?  Sem religião  Ateia

Se tem religião: ( ) praticante ( ) não praticante

11- Qual é a sua orientação sexual?

( ) heterossexual ( ) homossexual ( ) bissexual ( ) outra, qual?-----

-----

12-O ramo de atividade que você exerce, atualmente, é espontâneo ou não teve outra oportunidade? Explique.

Gênero

13-Na sua opinião, como as pessoas tratam as questões de gênero? (aberta)

14- Defina o que é ser mulher? (aberta)

15- Atualmente, as mulheres preocupam-se mais com a aparência do corpo do que antigamente? ( ) sim ( ) não

Por quê?

16-Na sua idade, quais as exigências da sociedade com relação à aparência da mulher? ( aberta)

17- Toda mulher tem direito de fazer as suas escolhas? ( ) Sim ( ) Não

Por quê?